

# Os Limites do Representacionismo no *Tractatus Logico-Philosophicus*

Autor: Clístenes Chaves de França<sup>1</sup>

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é o de apresentar em linhas gerais o representacionismo desenvolvido por Wittgenstein em seu *Tractatus Logico-philosophicus* e, com isso, identificar as limitações presentes nesse empreendimento teórico. Se considerarmos a perspectiva representacionista de Wittgenstein como a mais desenvolvida teoria que o representacionismo foi capaz de desenvolver, as dificuldades nele contidas de realização de seu objetivo podem apontar para a necessidade de abandono do representacionismo, na medida em que este em sua mais elaborada formulação chegou a um beco sem saída.

Palavras-Chave: Representacionismo, Wittgenstein, Linguagem, Lógica.

## METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido a partir de uma leitura direta do *Tractatus Logico-Philosophicus* na versão traduzida por José Arthur Giannotti, tendo por objetivo identificar a formulação do representacionismo nele contida. A leitura ainda de comentadores limitou-se às suas contribuições para o esclarecimento da temática principal a que este trabalho se dedica. Dessa forma, foi possível responder à questão central que instiga este texto: o de apreender as limitações inerentes ao representacionismo expostas na formulação que a ele deu o Wittgenstein que ainda cria na possibilidade de solução de todos os problemas filosóficos de forma definitiva.

## INTRODUÇÃO

No *Tractatus Logico-Philosophicus* Wittgenstein desenvolve uma teoria representacionista da linguagem. Nessa teoria, a linguagem mantém com o mundo uma relação de afiguração, ou seja, a linguagem é capaz de afirmar a possibilidade de existência de estados de coisas no mundo. Mundo e linguagem são realidades ontologicamente distintas<sup>2</sup>, contudo suas estruturas lógicas são equivalentes.<sup>3</sup> É essa igualdade lógica estrutural que constitui o cerne da teoria da afiguração, presente no *Tractatus*. Para que algo seja uma figuração de outra coisa é necessário satisfazer duas condições: o de ser diferente daquilo que afigura e o de possuir uma estrutura lógica equivalente

---

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia pela UFC. Mestre em Filosofia pela UFC, 2008, e pelo programa europeu Erasmus Mundus Europhilosophie, 2010. Professor dos cursos de Direito e Administração da Faculdade Luciano Feijão.

<sup>2</sup> O mundo é constituído dos objetos e seus entrelaçamentos e a linguagem de nomes e seus entrelaçamentos.

<sup>3</sup> “. . . ao serem analisados no seu todo, linguagem e mundo se apresentam como estruturas isomorfas, revelando uma bijeção entre seus domínios e uma correspondência exata entre suas relações e propriedades. Não é que uma descenda da outra, o que acontece é que ambas são produzidas a partir da mesma matriz (. . .) a lógica, enquanto conjunto de possibilidades combinacionais e estruturais, gera tanto o mundo como a linguagem.” (BARROSO, 2006, p.183-184)

àquilo que afigura. Segundo Wittgenstein, a figuração é tanto mais perfeita quanto maior for o número de elementos do afigurado representados no afigurador. A figuração é completa quando se alcança a relação de um para um entre ambos. Assim, Wittgenstein, no *Tractatus*, dedica-se a explicitar quais são os componentes da linguagem e do mundo; quais são as articulações que esses componentes mantêm entre si e como a lógica comum ao mundo e à linguagem estabelece esta última como afiguração daquele.

Esta estrutura formal do pensamento de Wittgenstein desenvolvida no *Tractatus*, conterà de forma condensada os avanços e fronteiras de todo e qualquer representacionismo. Um estudo do representacionismo tractatiano mostra-se fundamental para que possamos descobrir se ainda é viável uma defesa do representacionismo linguístico (e do representacionismo de maneira geral), ou se esta perspectiva teórica encontra-se fadada a se envolver em dilemas insolúveis, restando apenas o seu abandono como empreendimento teórico relevante.

### PROBLEMATIZAÇÃO

As proposições formam a parte da linguagem que mantém uma relação projetiva com o mundo na medida em que afirmam neste a possibilidade de existência de um estado de coisas. A significatividade de uma proposição independe de sua verdade ou falsidade. Dessa forma, as proposições são bipolares, posto que podem ser tanto verdadeiras como falsas.<sup>4</sup> Logo: se o estado de coisas que a proposição afirma ser o caso ocorre – isto é, tem existência no mundo –, a proposição é verdadeira, se não é falsa.<sup>5</sup> Wittgenstein estabelece algumas especificações no tocante às proposições e sua relação de afiguração com o mundo. As proposições verdadeiras que afiguram fatos no mundo (mas também as proposições falsas que afirmam fatos no mundo que em verdade não ocorrem) são proposições complexas formadas a partir de proposições elementares. As proposições elementares afiguram estados de coisas. As condições de verdade de uma proposição elementar independem da verdade ou falsidade de qualquer outra proposição elementar – ela é uma função de verdade de si mesma –, posto que os estados de coisas aos quais se referem são independentes uns dos outros. As proposições elementares são formadas por uma concatenação de nomes que são os constituintes últimos da linguagem. Assim como as proposições elementares, os

---

<sup>4</sup> “Quando se atribui verdade ou falsidade a uma proposição, parece óbvio que o alvo da atribuição não é a matéria fônica ou gráfica do símbolo, mas o produto da vinculação dessa matéria a um sentido. Dizer que uma proposição pode, em princípio, ser verdadeira ou falsa é dizer que ela, por exprimir um sentido, pode ser, em princípio, verdadeira ou falsa. Que ela exprima um sentido não pode, pois, depender de ser efetivamente verdadeira ou falsa. É porque uma combinação de sinais diz que as coisas são ou não são assim ou assado que ela vem a ser verdadeira ou vem a ser falsa, e não vice-versa.” (SANTOS, 2008, p.20)

<sup>5</sup> Em verdade, o mundo é a totalidade dos fatos, isto é, dos estados de coisas existentes. “O mundo é a totalidade dos fatos e por isto consiste em *todos* os fatos.” (TLP, 1.11) “O que ocorre, o fato, é o subsistir dos estados de coisas.” (TLP, 2.)

estados de coisas são formados por elementos mais simples que, por sua vez, são os componentes últimos da realidade: os objetos. Os nomes são os sucedâneos dos objetos, que, por sua vez, constituem a substância do mundo. Os objetos são indivisíveis na medida em que não são formados por outros elementos mais simples e são indestrutíveis. Pode-se concatená-los de diversas maneiras; essas ligações podem ser destruídas, mas os objetos mesmos não são passíveis de destruição. O máximo que pode ser feito é concatená-los diferentemente. Dessa forma, todos os elementos nos quais o mundo se resolve – objetos, estados de coisas e fatos – possuem sua contraparte na linguagem – nomes, proposições elementares e proposições complexas verdadeiras.<sup>6</sup> É fato passível de acordo que nem todas as proposições logram dizer o que é o caso, antes a linguagem é capaz de produzir um número muito grande de proposições. Como todas as proposições articulam um estado de coisas possível, mas não necessariamente existente, fica claro que o mundo constitui somente uma parte daquilo que é possível. O espaço lógico é o correlato do conjunto das proposições possíveis, isto é, indica o conjunto de estados de coisas ou situações possíveis. O mundo, então, é uma circunscrição no espaço lógico descrito pela totalidade das proposições verdadeiras. Com essa concepção acerca da linguagem e do mundo, Wittgenstein, dedicando-se à análise da forma lógica das proposições, pretende também dar conta das estruturas da realidade.

Mas o que torna possível à linguagem afigurar o mundo? Para responder a essa pergunta faz-se necessário questionar a natureza dos objetos que são a substância do mundo. Segundo Wittgenstein, os objetos simples possuem propriedades internas e externas. As primeiras dizem respeito às possibilidades que o objeto traz consigo de se combinar com outros. Todas as possibilidades de combinação de um objeto simples estão determinadas por sua forma interna.<sup>7</sup> As propriedades externas, por sua vez, referem-se ao fato de o objeto estar combinado efetivamente com determinados objetos e não com outros; o de fazer parte atualmente de um estado de coisas e não de outro. Ora, a concatenação de objetos em um estado de coisas possui em si uma determinada forma definida pela maneira como os objetos se encontram aí ligados.<sup>8</sup> Já vimos que os nomes são os sucedâneos dos objetos. Eles substituem na proposição os objetos no estado de coisas. Se a concatenação de nomes numa dada proposição for a mesma existente entre os objetos no estado de coisas, a proposição compartilhará com o estado de coisas a mesma forma lógica. É esta forma ló

---

<sup>6</sup> “. . . a teoria da figuração apresenta uma estrutura simples. Proposições complexas são analisáveis em termos de conectivos lógicos e proposições elementares, as quais são concatenações de nomes organizadas numa forma lógica coincidente com a forma lógica do estado de coisas representado.” (IMAGUIRE, 2006, p.157)

<sup>7</sup> “Nada é acidental na lógica: se uma coisa *puder* aparecer num estado de coisas, a possibilidade do estado de coisas já deve estar nela.” (TLP, 2.012) “Se as coisas podem aparecer em estados de coisas, então isto já deve estar nelas.” (TLP, 2.0121) “A possibilidade de seu aparecer nos estados de coisas é a forma dos objetos.” (TLP, 2.0141)

gica compartilhada que institui a proposição como figuração do estado de coisas.<sup>910</sup> Contudo é preciso lembrar que uma proposição não deve ser confundida com o sinal proposicional, seja ele escrito, gráfico ou sonoro. A forma lógica que uma proposição compartilha com um estado de coisas por ela afigurado é comum a todos os meios representacionais deste estado de coisas.<sup>11</sup> Além disso, é o método de projeção que faz a ligação entre os elementos da proposição e os elementos do estado de coisas que ela representa.

No *Tractatus*, para que haja afiguração, a existência de objetos e nomes que os representem é uma condição intransponível.<sup>12</sup> Que os objetos possuam uma forma, possam combinar-se com outros e estas combinações possam ser expressas pela linguagem é condição da representação linguística do mundo.

Daqui pode-se concluir que as propriedades internas de um objeto nunca podem ser representadas por qualquer proposição, posto que a forma lógica que torna possível a afiguração da realidade apenas mostra o que de comum existe entre mundo e linguagem. Nem mesmo a forma lógica é passível de descrição, ela só pode ser exibida na figuração.<sup>13</sup> Assim, Wittgenstein estabelece os limites lógicos do que pode ser dito. A linguagem limita-se a expressar fatos do mundo (ou fatos possíveis), mas não pode – na medida em que pretende ser uma afiguração do mundo – nem mesmo falar do que torna possível o falar sobre o mundo: os nomes, os objetos simples, a forma lógica.<sup>14</sup> É por isso que Wittgenstein vê o seu livro como um contrassenso, posto que se propõe a dizer (afigurar) aquilo que não pode ser dito (afigurado).

---

<sup>8</sup> “O modo pelo qual os objetos se vinculam no estado de coisas constitui a estrutura do estado de coisas.” (TLP, 2.032)

<sup>9</sup> “Os elementos da figuração estando uns em relação aos outros de um modo determinado, isto representa as coisas estando umas em relação às outras. Esta vinculação dos elementos da figuração chama-se sua estrutura e a possibilidade dela, sua forma de afiguração.” (TLP, 2.15) “A forma de afiguração é a possibilidade de que as coisas estejam umas em relação às outras como os elementos da figuração.” (TLP, 2.151)

<sup>10</sup> “O que a figuração deve ter em comum com a realidade para poder afigurar à sua maneira – correta ou falsamente – é sua forma de afiguração.” (TLP, 2.17)

<sup>11</sup> “O que cada figuração, de forma qualquer, deve sempre ter em comum com a realidade para poder afigurá-la em geral – correta ou falsamente – é a forma lógica, isto é, a forma da realidade.” (TLP, 2.18)

<sup>12</sup> “A possibilidade de representação do mundo pela linguagem se funda na capacidade de nomes representarem objetos simples.” (IMAGUIRE, 2006, p. 158) “Na relação nome-objeto situa-se o momento no qual a linguagem ‘toca’ o mundo.” (ALENCAR, 2006, p.236)

<sup>13</sup> “Sua forma de afiguração, contudo, a figuração não pode afigurar; apenas exhibe.” (TLP, 2.172) “Tractatianamente, pode-se dizer somente aquilo que surge do entrelaçamento dos nomes, nunca o próprio entrelaçamento. Este não se diz, mostra-se. O mostrar consiste em conduzir ou ser conduzido pela linguagem até seus limites semânticos, provocando uma fissura no campo do sentido que lhe põe diante do indizível.” (SILVA, 2006, p.217)

<sup>14</sup> “A proposição pode representar a realidade inteira, não pode, porém, representar o que ela deve ter em comum com a realidade para poder representá-la – a forma lógica. Para podermos representar a forma lógica seria preciso nos colocar, com a proposição, fora da lógica; a saber, fora do mundo.” (TLP, 4.12)

O que torna possível que a linguagem afigure o mundo é o fato de a Lógica que estrutura o mundo ser a mesma que estrutura a linguagem. A Lógica é anterior tanto ao mundo como à linguagem. Se não existisse essa equivalência estrutural entre mundo e linguagem esta não poderia representar aquele. Ora, dadas as características da Lógica que estrutura os fatos no mundo e a sintaxe da linguagem fica evidente o porquê de a filosofia, as “proposições” da lógica – as tautologias – e as contradições, não falarem do mundo. Como vimos, toda proposição é essencialmente bipolar – passível de ser tanto verdadeira como de ser falsa. As proposições bipolares sempre selecionam do espaço lógico uma parte deste e afirmam-na como sendo o caso. As pseudo-proposições da lógica, na medida em que são necessariamente verdadeiras, selecionam todo o espaço lógico; as contradições, na medida em que são necessariamente falsas, não selecionam nenhuma parte do espaço lógico. As proposições verdadeiras da linguagem são sempre contingentemente verdadeiras. Contudo, a filosofia pretende falar do mundo de maneira necessariamente verdadeira. Essa pretensão se radica numa incompreensão da forma como a linguagem funciona e do desconhecimento de sua estrutura. A filosofia é um contrassenso. Sua ambição não pode ser satisfeita pelos meios linguísticos.<sup>15</sup>

Em Wittgenstein existe a pressuposição da necessidade de uma relação interna (de uma estrutura comum) entre linguagem e mundo, ou melhor, em toda e qualquer relação entre coisas na qual uma é a representação da outra deve haver essa relação interna. No entanto, a tese da existência dessa relação interna entre linguagem e mundo não é demonstrável por nenhuma posterior argumentação racional ou prova empírica: posto esta última sempre ser exposta em uma linguagem representacionista tendo a relação estrutural como seu pressuposto, e a argumentação racional, por sua vez, não ser capaz por si só de dar o salto linguagem-mundo.

A pergunta que levanto é a seguinte: É realmente indispensável para uma teoria representacionista do significado postular tal relação interna? Tendo em vista os pesados comprometimentos ontológicos que a tese acarreta, a elaboração de uma teoria representacionista sem esses pressupostos seria mais palatável. Contudo, continuaria uma teoria do significado assim construída sendo representacionista? Se a resposta for positiva, com certeza a justificação de sua validade seria bem mais complexa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

<sup>15</sup> “Minhas proposições se elucidam do seguinte modo: quem me entende, por fim as reconhecerá como absurdas, quando graças a elas – por elas – tiver escalado para além delas. (É preciso por assim dizer jogar fora a escada depois de ter subido por ela.) Deve-se vencer essas proposições para ver o mundo corretamente.” (TLP, 6.54)

As limitações do representacionismo tractariano poderiam ser vistas não como limitações do representacionismo *tout court*, mas apenas de uma espécie de representacionismo, ou seja, do representacionismo de fatos. Contudo, mesmo um representacionismo que não se baseasse em fatos, mas em objetos, isto é, que afirmasse a linguagem como representação de objetos e não de estados de coisas no mundo, ainda teria que ser capaz de explicar a ligação interna entre linguagem e objetos, sem cair numa *petitio principii*.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, Valdetonio Pereira de. A Concepção de Análise do Tractatus. IN: IMAGUIRE, Guido. (org.) et ali. Colóquio Wittgenstein. Fortaleza: Edições UFC, 2006.
- BARROSO, Cícero Antônio Cavalcante. O Mundo do Tractatus. IN: IMAGUIRE, Guido. (org.) et ali. Colóquio Wittgenstein. Fortaleza: Edições UFC, 2006.
- IMAGUIRE, Guido. Dos Nomes aos Jogos. IN: IMAGUIRE, Guido. (org.) et ali. Colóquio Wittgenstein. Fortaleza: Edições UFC, 2006.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea. 2.ed. São Paulo: Edição Loyola, 2004.
- SANTOS, Luiz Henrique Lopes dos. A Essência da Proposição e a Essência do Mundo. IN: WITTGENSTEIN, Ludwig. Tractatus logico-philosophicus. 3.ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- SILVA, Evaldo Sampaio da. Da Simplicidade do Mundo. IN: IMAGUIRE, Guido. (org.) et ali. Colóquio Wittgenstein. Fortaleza: Edições UFC, 2006.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. Tractatus logico-philosophicus. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.